O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 43.º — N.º 2174

Sábado, 9 de Dezembro de 1950

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Comb. da G. Guerra — Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Porto *Agência Havas*

O DRAMA DO MUNDO

—o—

Novamente as almas do Mundo inteiro se concentram ávidas, perturbadas e ansiosas no Extremo-Oriente, no intento de seguir o ritmo e o desenvolvimento das violentas operações militares, a que deu lugar no rescaldo da Coreia, a intervenção macissa dos comunistas chineses.

Liquidados os Coreanos do Norte, que foram completamente derrotados, surgem a substituí-los os chineses, pois a Rússia, quer senão a guerra, pelo menos, por ora, manter na Asia, na Europa e no Mundo o fogo sagrado da sua ideologia e uma agitação permanente, que fatiga os espíritos, que dificulte a reconstrução económica europeia e que embarace a unidade e o rearmamento dos povos livres, constituidos hoje verdadeiramente pelas Nações Unidas.

E, emotivamente, quase com a vida em suspenso, aguardam o desenlace do duelo, que está, ali, a travar-se entre o Oriente e o Ocidente.

Ou, para ser mais realista e terminante: a luta entre o espírito e a mentalidade europeia e o espírito e a mentalidade asiática—velho dualismo secular, que os misteriosos movimentos da História de novo trouxeram à superfície das coisas actuais.

O choque que parece inevitável, mais hoje, mais amanhã, entre uma civilização, uma cultura e um sentido de vida, característicos de inteligência e de homens, que através da evolução histórica muito sofreram e batalharam para ser livres, na consciência das suas responsabilidades e do seu admirável idealismo e uma civilização, uma cultura e um sentido de vida, fundamentados em conceitos absolutos de autoridade e de mística religiosa, social e política, que sempre conduziram e hão-de conduzir à escravização dos espíritos e ao colapso da liberdade humana.

E' a guerra aos poucos, em doses, às fracções, até que um dia rompa extensa, profunda, generalizada, quando a Russia o achar oportuno e se lhe afigurar ter todos os trunfos da vitória na mão.

Se a guerra com os Coreanos do Norte foi para a América e para as Nações Unidas uma impressionante lição, a guerra presente com os comunistas chineses, é, igualmente, muito significativa, ainda que dolorosa e cheia de ensinamentos preciosos, dignos de meditação.

Os estadistas ingénuos, os pacifistas, os políticos de águas mornas, têm agora mais uma prova das intenções pacíficas da Rússia.

O mundo está atravessando uma época absolutamente anormal, onde a tranquilidade, a segurança nos seus diferentes aspectos e os processos regulares de vida são impossíveis.

Há hoje no Mundo uma potência poderosa e dominadora, que desafia tudo e todos e que não quer paz de espécie nenhuma, ou antes que quer impor ùnicamente a sua paz, a sua concepção de paz a todos os outros.

A posição da Russia está neste momento histórico e, há muito tempo, completamente definida e esclarecida.

Ela quer ter a hegemonia e o predomínio sobre o Mundo.

Já parte da Ásia e da Europa se encontram sob a sua acção preponderante e fiscalizadora.

A dominação e a bolchevização do Mundo é a sua suprema e verdadeira finalidade.

Para o conseguir lança e lançará mão de todos os meios, processos e recursos.

Se perde de um lado, procura logo reparar as perdas, ganhando doutra maneira.

As vitórias militares da Coreia e a organização nacional e política que estava em perspectiva, eram triunfos tão

(Continua na 2.ª página)

Explicação

Numa carta publicada no *Ilhavense* desta semana, o presidente da Câmara do visinho concelho esclarece o motivo porque a edilidade de Ilhavo ainda não pagou ao empreiteiro das aguas os contos que lhe deve, escudando-se para tanto nas informações recebidas dos chefes dos serviços camarários, demais, tratando-se, como diz, de pessoas da categoria e integridade moral do coronel de engenharia, sr. José Celestino Regala, que é o engenheiro fiscal da mesma Câmara.

Concluimos daqui que o caso é facílimo de resolver: basta que apareça na Câmara a documentação que habilita o empreiteiro a receber 335.730$50 por trabalhos a mais executados nas obras de captações de água, antes da viagência do actual presidente, e pronto—fica tudo sanado.

O frio

Chegou esta semana, pelo que foram registados sensíveis abaixamentos de temperaturas, tanto do lado da manhã como durante a noite.

E ainda estamos nos princípios de Dezembro!

Falta de espaço

Fica esta semana de remissa algum original.

A FARMÁCIA DE HOJE

O sr. Paulo Freire, que escreve as *Várias Notas* no diário portuense *Jornal de Notícias*, esteve doente. E porque assim aconteceu chamou o médico, que receitou, tendo sido aviadas as fórmulas. Já melhor, eis as suas impressões, de entrada, ao retomar os trabalhos jornalísticos:

Houve uma coisa que me obrigou a pensar mais nos outros do que em mim: o preço dos medicamentos.

Como hão-de os pobres tratar-se?

Vem o médico, ausculta, apalpa, pergunta, faz as suas deduções e receita.

A receita vai ser aviada e a gente diante deste *cataclismo* perde a esperança do tratamento. São logo 300, 400 escudos! Desse dinheirão louco, fica uma ninharia nas mãos do farmaceutico. O grosso da coluna vai para os Laboratórios, e na maioria dos casos, para o estrangeiro. Como hão-de os pobres tratar-se? Claro: quem paga as favas desta carestia são os farmaceuticos, que não têm nada com isso, reduzidos à sua insignificante missão de simples caixeiros dos Laboratórios, com uma ridícula percentagem sobre as vendas. Nem se compreendo mesmo para que há farmácias e para que há farmaceuricos! Para que serve a um homem ou a uma mulher tirar um curso, custoso e difícil, com muitas matemáticas, muitas químicas o muitas físicas, e muitas botânicas, perder o melhor de dez, doze anos a estudar, para no fim ficar reduzido à simples condição do caixeiro de drogas feitas?

Eu não sou contra as especialidades, mas que sejam, na verdade *especialidades*. A maioria das que andam no mecado estão nas Farmacopeias e qualquer farmaceutico as fazia. E fazendo-as não precisava de caixinhas e de frascos, e com rótulos espampanantes e de nomes esquisitos. E o médico receitava as doses que lulgava convenientes para o doente que tinha observado, sem ter que se sugeitar a uma dose geral para todos os doente com organismos evidentemente diferentes. Eu penso que isto não está certo. Mas talvez seja eu que estou em erro, pois não sou farmaceutico, nem nunca fui ajudante de farcia...

Não está certo, como não estão certos muitas outras coisas de qne a classe enferma, a sobrecarregam e, à falta da protecção, a inferiorizam.

Mas se tudo, a bem dizer, anda fora dos eixos!

"O DEMOCRATA,,

Desde já prevenimos os nossos leitores de que a gazeta não se publicará na semana do Natal ou seja no dia 30 do corrente mês. Parece-nos que um dia ou dois de descanço no ano, sem preocupações de maior, quando o proprietário da tipografia onde o *Democrata* se compõe e imprime, gosa férias e o pessoal gráfico igualmente tem alguns dias de repouso com remuneração, não será demais que nós também durante a chamada Festa da Família pousemos a canêta para confraternizarmos por essa ocasião completamente alheados dos assuntos do jornal, sem perda do *prestígio* e da *personalidade* em que adiante fala um dos colaboradores mais autorizados do popular *Jornal de Notícias*, sr. Paulo Freire.

Basta de tanto sofrer! — disseram um dia os estudantes de Coimbra ao S. Sebastião quando o despojaram das sêtas de prata que o marterizavam lá nas alturas dos Arcos do Jardim...

No dia 30, portanto, há feriado cá na casa, podendo ainda os anunciantes que costumam utilizar as nossas colunas para fazerem publicações durante a época festiva, aproveitar os números de 16 e 23, como os últimos do ano de 1950.

UMA REALIDADE

Do *Regional*, de S. João da Madeira, transcrevemos:

Manter um jornal da província é uma das maneiras de empobrecer alegremente (ou tristemente).

Sabemos de um director de um jornal que se publica numa risonha vila do nosso distrito que, após ter feito vários «suprimentos» à Administração do periódico, no montante de umas dezenas de contos, resolveu fechar os cordões à bolsa, antes que a coisa fosse além dos limites. Um colega da mesma ridente vila, mais senhor dos favores do público, embora sofrendo menos dos maus fados financeiros, também se dispõe a pôr-se na retranca, porque já por lá se vão ficando uns bons milhares dêles.

Por aqui se vê que deve pôr as barbas de molho aquele que depara com as do visinho a arder...

Só o não sabe quem nunca esteve metido nestas andanças.

E daí...

Pela parte que nos diz respeito, *O Democrata* chega sem pre ao fim do ano com a borda debaixo de água. Mas tem-se aguentado no balanço.

A que será devido?

Se calhar, à Providência...

Atenção para a 4.ª página

Quantos somos?

—o—

E' o que se vai procurar saber, com a maior exactidão possível, neste mês de Dezembro. Para isso se vai realizar, no dia 14, o Censo Geral da População Portuguesa.

A medida corresponde a uma necessidade fundamental do Estado, que precisa de conhecer pormenorizadamente o que de verdade há sobre a situação demográfica de toda a Nação. Queremos dizer: para bem se orientar em numerosíssimos problemas, como os respeitante aos dos abastecimentos, do fomento económico e da colonização, o Estado tem necessidade de saber quantos somos em todo o Império, quantos sabem ler, escrever e contar; quantos tem situação garantida ou desafogada; quantos lutam com o desemprego; quantos são ainda menores; quantos já ultrapassaram a casa dos 21 anos; quantos tem habitação própria; quantos somos do sexo masculino; quantos são do sexo feminino...

Justamente por isso — porque se pretende fazer obra que satisfaça a diversos objectivos e seja tão perfeita quanto possível—é que o inquérito ordenado, a fazer em todo o País no mesmo dia, vai ser o mais completo de quantos até hoje se realizaram. E' que os nossos serviços de Estatística—digâmo-lo com justificado orgulho—são dos melhores e dos mais perfeitos de quantos se conhecem no Mundo.

O censo português baseia-se no sistema *house holder* que consiste na distribuição de boletins próprios pe os chefes de família. Cada chefe de família, terá, pois, de preencher devidamente o respectivo boletim. Deverá fazê-lo com a maior exactidão possível, com toda a clareza e com toda a verdade sem receios de que as suas informações possam ou venham a ser aproveitadas para fins de ordem fiscal. As declarações serão — podemos garanti-lo — absoluta e rigorosamente confidenciais. O Estado proibe terminantemente que sejam fornecidas ou reveladas a quaisquer serviços que não sejam os de estatística.

O conhecimento das nossas possibilidades demográficas importa a quem tem sobre os seus ombros o duro encargo de administrar o País e de responder pelo futuro dos portugueses.

A solução de muitos problemas está relacionada com a situação de muitos de nós e com o grau de adiantamento que atingimos.

Os antigos — mesmo os que precederam a hera de Cristo, nomeadamente os egípcios e os assírios —atribuiram sempre grande importância ao censo populacional. Entre nós foi D. João III que mandou fazer o primeiro censo e deu tais normas que ainda hoje se considera notável. Talvez por isso é que foi parar ao Museu Britânico de... Londres

Temos obrigação de auxiliar o Estado neste empreendimento nacional, ora correspondendo com a melhor boa vontade ao apelo por ele dirigido, ora fazendo por nós que o trabalho a realizar atinja em todos os aspectos a perfeição que os seus altos e nobres objectivos plenamente justificam.

SAMPAIO e MELO

Mal que vem de longe...

Com a devida vénia, transcrevemos, também, das *Várias Notas*, que, de Lisboa, o sr. Paulo Freire costuma enviar ao *Jornal de Notícias*, do Porto, este pedacinho de prosa, que não só tem graça como põe em confronto a modalidade do jornalismo nos nossos dias.

Segue:

«Nós somos um País muito engraçado sob certos aspectos. Um comerciante, um industrial, um médico, um advogado, um arquitecto, etc., etc., podem valorizar e valorizam os seus préstimos, os seus conhecimentos, a sua técnica, o seu valor profissional. Quando trabalham cobram a justa recompensa do seu trabalho, e todos acham bem que seja assim. Mas se um intelectual (eu embirro muito com o termo, mas não tenho outro) escritor ou jornalista pensa fazer o mesmo, logo lhe saltam em cima e lhe chamam a atenção para o *prestígio* da sua *personalidade*. Todos podem ganhar dinheiro através dos seus conhecimentos e habilidades, menos o escritor, muitíssimo menos o jornalista. Estes têm que trabalhar de graça por causa do seu *prestígio* e da sua *personalidade*, Lá fora, em França, na Inglaterra, na América, um escritor ou um jornalista, se escreve um artigo, pagam-lho; se faz uma conferência, pagam-lha. A Portugal têm vindo jornalistas, escritores, antigos ministros, e até antigos Presidentes de Ministério, fazer as suas conferências, mas pagam-lhas. Entre nós é tudo *à borla*. Pede-se um artigo *à borla*. Pede-se uma conferência *à borla*. Que idiotíssimo critério é este que consente e acha bem para todas as profissões a respectiva paga, menos para os que escrevem ou para os que falam?

* * *

O nosso meio é, neste capítulo, muito atrazado, principalmente no que respeita ao valor e à importância dos jornais. Lá fora não há grande homem nem grande empresa que se não estribe num jornal. Lá fora sabe-se e tem-se a certeza de que um jornal é uma das maiores forças do Mundo. Não há grande homem nem grande empresa que dê um passo se não se apoiar num grande jornal. O comércio e a indústria sabem que sem um grande jornal os seus legítimos interesses não caminham. A publicidade, o anúncio, é uma das forças do seu melhor esteio, o seu recurso e a sua fortaleza. Em Portugal, o anúncio é ainda, para muitos, um favor que se faz aos agentes de publicidade. Recebe-se um agente de publicidade como quem recebe um importuno, um pedinte, um mercador. Não se vê no anúncio e no jornal o que eles, de facto, são; a alavanca dos negócios. Uma casa que não faz anúncios, que não faz publicidade, é uma casa que não anda, que não progride, que não tem freguesia. Eu sou insuspeito porque não faço publicidade, nem angario anúncios. Mas ponho o problema claro. O angariador de anúncios, o agente de publicidade, é um amigo que lhes entra pela porta dentro e cuida dos seus interesses. A's vezes uma só palavra escrita no jornal, a tempo e horas, vale mais do que um ano de porta aberta. Um sujeito pode ser muito inteligente, muito activo, ter muito dinheiro. Se não tiver um jornal que o imponha, que lhe valorize a actividade, que lhe marque a sua força, não vale nada. E' preciso estabelecer esta verdade indesmentível: o jornal é, em toda a parte, a maior força do Mundo. A única que vence todos os obstáculos e derruba todas as barreiras.

* * *

A não compreensão desta verdade foi um dos maiores êrros da monarquia. Foi um dos maiores êrros da República. E um dos grandes êrros do jornalismo português, em cujo número me incluo, é este regime de favor para os outros que todos nós seguimos—ou quase todos—por causa do *prestígio* e da *personalidade*. Fazemos tudo de graça. Um advogado não defende uma causa se lhe não pagam a defesa. Um médico não trata um doente se lhe não pagam a consulta. Um arquitecto não elabora um projecto, se lhe não pagam o seu esforço. O jornalista português faz tudo de graça e vive na miséria e na pelintrice agonica duma vida de dificuldades.

Por causa do *prestígio* e por causa da *personalidade*. Um sujeito chega ao nosso País vindo de estranhas terras. Vem para negociar, para se tornar conhecido, para vencer na vida. E logo nós lhe fazemos a *papinha* com todos os elogios, todas as louvaminhas, todos os réclamos, per-

AVEIRO

Aveiro é terra linda...
E tão lindo o seu luar
Que Deus não achou ainda
Melhor céu para vos dar.

Passam as pombas, em filas,
Logo atraz, duas ou três;
Cansa-se a vista a seguí-las,
Veem e vão-se de vez.

As fontes beijam, cantando,
Pedrinhas, que o sol mordeu,
E, as andorinhas, voando...
Desenham arcos no Céu.

Que maravilha de vale!
Quem bem a vida, aqui vai!
Oh! Terras de Portugal:
Olhai Aveiro e cantai!...

24-11-1950

ARLINDO MACEDO

dendo tempo, gastando tinta, queimando os miolos, prejudicando os interesses do próprio jornal em que se trabalha, e tudo isso de graça, *à borla*, por causa do *prestígio* e por causa da *personalidade*.

* * *

Lembro-me deste episódio. Numa capital da Europa, um grande nome internacional quis certa referência aos seus méritos num dos principais jornais desse País. Estávamos numa Embaixada, conversando com um funcionário superior dessa Embaixada. Eu portuguesinho imbecile estúpido esgaseei muito os olhos quando esse funcionário, muito naturalmente lhe disse: custa tanto. Diante da minha admiração esse funcionário, disse-me: —«Como queria você que os jornais pagassem decentemente se não valorizassem o seu recheio, as suas colunas, a sua importância? Este homem para vir até aqui não pagou a passagem no avião que o transportou? Não paga o Hotel onde se hospeda? Por que razão não havia de pagar ao jornal que lhe satisfaz a sua vaidade e os seus interesses?

* * *

De momento achei que isso contendia com o *prestígio* e mais com a *personalidade*. Mas depois, meditando no caso, concluiu que esse funcionário tinha razão. Mas ao passar de novo a fronteira, esqueci-me dessa razão e ingressei, de novo, no *prestígio* e mais na *personalidade*. Caminho errado. Beco sem saída. Para mim já não há remédio, mas bom será que os que começam agora mudem de rumo e se convençam de que um jornal é uma força, e que os homens, que fazem um jornal, são operários como quaisquer outros, e que a sua profissão não é um divertimento romântico, mas uma profissão. Das mais pesadas e das mais exigentes. E entre nós, até hoje, das mais torturadamente asfixiantes pela doentia preocupação, por todos estabelecida, exagerada e explorada do *prestígio* e da *personalidade*.

Digam lá aos médicos, aos advogados, aos comerciantes, aos industriais, aos sapateiros e aos alfaiates, aos arquitectos e aos mestres de obras, que vivam do *prestígio* e da *personalidade*, e verão o que eles lhes respondem!»

Sopa dos Pobres

Como de costume, está a ser distribuida uma circular em que a comissão encarregada da mesma solicita donativos destinados a melhorá-la nos dias de Natal e Ano Novo e ainda a oferecer-lhes um bodo, à semelhança dos anos transactos.

Tornando-se, porém, oneroso procurar a resposta às circulares enviadas para o fim em vista, é-nos solicitado lembrarmos às pessoas que as tenham recebido e que queiram contribuir com qualquer esmola, a entreguem, sem demora, nos *Armazens de Aveiro, L.ª*, o local central e de fácil acesso, o que evitará o dispêndio com pessoal a procurar a resposta.

Nada mais justo. Sendo assim que costumamos fazer, segundo a indicação.

A Amália

Sua Excelencia, que partira para Roma, não se demorou, visto já ter chegado no *Vulcânia* com os seus acompanhantes.

Logo calculámos que o ano santo não havia de ser propício... ao fado.

Data histórica

—o—

O dia 1.º de Dezembro foi comemorado pela Mocidade Portuguesa, que elaborou um programa que cumpriu à risca e do qual fazia parte uma parada dos filiados na Avenida Dr. Lourenço Peixinho; missa na igreja da Misericórdia e sessão solene no Teatro Aveirense a que presidiu o sr. major Augusto Sequeira, Delegado Provincial, vendo-se a ladeá-lo várias entidades oficiais e em lugar de honra o sr. Arcebispo-Bispo da diocese.

Depois da Academia ter cantado a *Portuguesa* e o Hino da Independência, usou da palavra o sr. dr. João Rocha, sub-Delegado Regional da M. P., seguindo-se-lhe o rev.º dr. José Pinto Carneiro, advogado em Coimbra, que, de improviso, dissertou com brilho e eloquência sobre a data que se comemorava, encerrando, por fim, a sessão o sr. major Sequeira.

Houve também distribuição de prémios pelos filiados classificados nos Concursos Nacionais das diferentes modalidades, recitativos e outros números em que tomou parte o poeta e declamador Vasco de Lima Couto não faltando os aplausos da assistência que enchia aquela casa de espectáculos.

Prova automobilística

—o—

De conformidade com alguns jornais, que a anunciaram, realizou-se a II Volta a Portugal em automóvel, cujos concorrentes passaram no domingo em Aveiro, para Lisboa, depois das 5 horas, ainda de noite, de baixo de chuva, pelo que aconteceu à desportista, D. Maria da Paz de Orey, que levava, como volante, o sr. Carlos Ernesto dos Santos Silva, o seguinte precalço: decerto por desconhecer a topografia da cidade, em vez do carro transpor a ponte dos Arcos, ao descer a Avenida Dr. Lourenço Peixinho, foi pelo lado do Rossio, contornou o Canal Central e, desviando-se da Ponte de S. Gonçalo, foi precipitar-se no Canal de S. Roque onde o mesmo principia. Aos gritos de socorro acudiu gente da Beira Mar, que retirou os ocupantes da situação crítica em que se encontravam, completamente encharcados—e foram felizes por a maré estar na vazante—até que depois saíu o carro do atoleiro para reparação das avarias e o qual os mesmos viajantes se transportaram à capital.

Sim, senhor: agora acreditamos que há horas felizes.

Relatórios

Recebemos, com cumprimentos, os da Federação Nacional dos Produtores de Trigo e Junta Nacional de Cortiça, que agradecemos, e pelos quais se verifica a importância dos dois organismos na economia da Nação.

Homenagem ao professor Francisco Fernandes Caleiro

Como já noticiámos, o jantar de homenagem a este distinto professor, realizar-se-á no próximo dia 30, no Restaurante Galo d'Ouro, pelas 19,30 horas.

As inscrições encontram-se patentes a todos os interessados, no Café Avenida e na Sapataria Migueis, e encerram no dia 10. Os interessados que não residam nesta cidade, devem dirigir-se ao membro da Comissão, sr. Fernando de Sá Seixas.

O DRAMA DO MUNDO

(Continuado da 1.ª página)

assinalados do Ocidente e das Nações Unidas e de tal prestígio dos ocidentais e de insucesso para a Rússia, que não é de estranhar esta reacção chinesa, provocada por ela com o fim de levantar o moral comunista em todo o Mundo e de prejudicar toda a pacificação coreana.

Na organização das Nações Unidas a Rússia e os seus satélites só têm sofrido derrotas e é de aceitar que a situação continue na mesma.

Ali, parece que, politicamente, a questão está arrumada.

Só, militarmente, com actos de força é que poderá impressionar o Mundo e procurar por ameaças alcançar os seus objectos de dominação universal e de perturbar o rearmamento das nações livres e o fortalecimento da sua unidade moral e espiritual.

Na mesa de jogo em que se sentam o Ocidente e o Oriente, olhando o pano verde e a bola a girar na roleta, a Rússia só tem ganho, ainda só tem fichas ganhas à custa dos outros para jogar.

Já jogou os coreanos, agora lança os chineses na fogueira e esgotados estes, outros possivelmente hão-de surgir.

Enquanto dispuzer de fichas alheias ela vai jogando sempre com audácia e sem temor, pois, por ora, é tudo por conta do lavrador...

Enquanto não sentir os horrores e a impopularidade da guerra nas suas fronteiras, não há esperança da situação internacional se modificar.

Em que sentido se evolucionarão os acontecimentos?

Podemos ter a certeza de que a América não deixa os seus créditos de grande potência, de potência que tem razão, que representa as grandes forças morais e espirituais do Mundo e de importantíssima garantia humana de paz, de justiça, de liberdade e de defesa de todos os homens livres e de todas as nações autónomas, por mãos alheias e mercenárias.

Mesmo, acima de tudo, está o irreprimível instinto de conservação, que a vida e a natureza obrigam a defender.

Ninguém morre sem procurar defender-se. Ninguém se deixa matar sem luta.

E, lá diz o ditado, voz do povo, voz de Deus, e a velhissima sabedoria humana, que corresponde em guerra à profunda realidade: *quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.*

O problema é complexo e tem sérias dificuldades.

Dum lado estão os bárbaros e do outro os civilizados.

Os civilizados—o próprio nome o indica—têm limitações de consciência, imposições de ordem moral, barreiras espirituais que os bárbaros não possuem e que os impedem de recorrer a armas terrivelmente destruidoras, a não ser em actos supremos de defesa própria.

Se a Rússia se encontrasse nas mesmas circunstâncias da Améria e tivesse ao seu alcance a superioridade atómica e de armas secretas, certamente que não hesitaria em aplicá-las.

As Nações Unidas abandonarão ou ficarão na Coreia? Ou serão abertas as hostilidades com a China, ainda que sob o risco duma conflagração mundial?

A Coreia é uma posição superiormente estratégica naquele ponto da Ásia, que pode ser preciso no futuro para uma segunda frente de combate, mas depois da intervenção dos efectivos esmagadores da China, que criaram uma nova guerra e diferente, é discutível se haverá vantagem nesta altura, em batalhar por um *detalhe*, por um *pormenor* do importantíssimo pleito que se está a travar entre o Ocidente e o Oriente.

Modificadas as realidades, implicitamente se tem que alterar as ideias e a visão mental dos acontecimentos.

A intervenção na Coreia pelas Nações Unidas foi um acto não só material como simbólico de reparação duma agressão, em que um organismo internacional marcou uma nobre atitude de direito perante os agressores e perante o Mundo.

Mas, agora, com a intervenção chinesa, sem guerra declarada, a Coreia transformou-se numa armadilha, num vespeiro, num sorvedouro de homens e de armamentos, quando todos sabem que é na Europa que tem de se resolver a gingatesca luta entre a Rússia e o Mundo livre.

Não será mais necessário, mais importante, mais político concentrar aqui na Europa, fraca ou quase desarmada, todas as forças e recursos militares e pensar, decididamente, em atacar a Rússia em pleno coração, ou aguardar os seus ataques para lhe responder eficazmente?

Enquanto a Rússia não ôfr atacada nos seus centros vitais, as desordens e as perturbações por ela provocadas, continuarão sem remédio, e o Ocidente perderá terreno em vez de o ganhar.

Duas atitudes se levantam, soberanas, no horizonte internacional.

Duas rotas se abrem de par em par.

Uma voltada para as negociações políticas e diplomáticas.

Até agora com a Rússia e seus satélites todas as tentativas de conciliação, de entendimento e de apaziguamento têm sido sucessivamente infrutíferas, apesar da boa-fé e da sinceridade da América e das Nações Unidas.

Respeitando essa linha tradicional de insucessos, inclinamo-nos a que por essa via redentora nada se conseguirá de duradouro ou de sério.

Mas óptimo seria que a tradição fosse desmentida desta vez.

Fica aberta a outra rota, iluminada pela luz da lição clarividente, trazida agora pela intervenção dos comunistas chineses, que é a necessidade urgente e fulminante de organizar poderosas defesas e forças militares, que façam frente corajosa e decididamente a um inimigo que não perdoa, que, como tigre escondido atrás de sarças frondosas, se prepara para dar o salto mortal ao viajante desprevenido, que se aventurou, confiadamente, a penetrar na floresta suspeita.

J. CARREIRA

Círculo de Cultura Musical

Está marcado para quarta-feira da próxima semana, no Teatro Aveirense, o 2.º concerto da época, em que tomam parte num recital de piano e violoncelo as consagradas artistas portuguesas D. Helena Moreira de Sá e Costa e D. Madalena Moreira de Sá e Costa.

Executarão trechos de Bach, C. Saens, Bocherinni, Beethoven, Chopin e Ravel.

Jardim das Modas

Acabou este estabelecimento da Rua Coimbra, tendo liquidado todo o seu recheio para dar lugar a outro, por ventura mais doce, como será a sucursal da *Pastelaria Ilhavense*, da gerência do sr. António da Costa Durão, que dentro em breve abrirá as suas portas para venda ao público de todos os variadíssimos produtos expostos nas montras.

Auguramos-lhe uma clientela compensadora da transacção efectuada.

Carta ao leitor desconhecido

VI

Leitor amigo:

Após terem decorrido tantos dias, quero fazer-te recordar um facto passado no domingo, 12 de Novembro.

Irá um pouco fóra de tempo? Não creio. Recordar é sempre bom.

Vou falar-te do cortejo de oferendas em favor do Hospital de Aveiro.

Não o descreverei nas suas minúcias, pois, certamente, tu viste-o. Quero falar-te duma das impressões que dele colhi. Duma maneira geral, todo ele me sensibilizou. Era, na verdade, comovente observar a maneira franca como tanta gente acorreu a ajudar os que precisam.

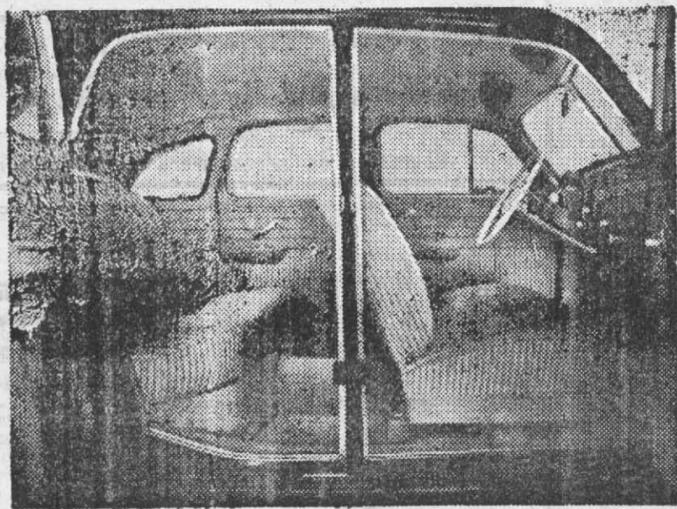
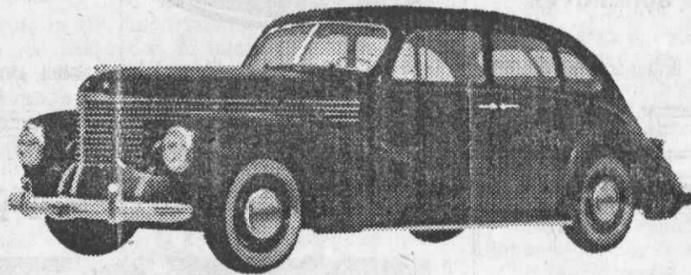
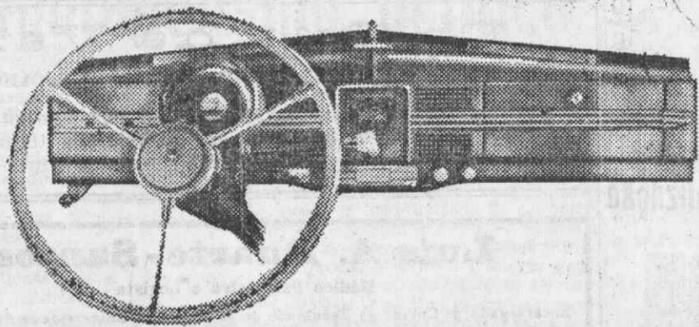
Mas o que mais me enterneceu entre todas as dádivas, foram talvez as mais modestas que lá apareceram: um grupo de pescadores, apresentando-se sem nenhum aparato, pois envergavam os seus próprios fatos e ia oferecer aos pobres, como eles, o produto do seu trabalho. Não eram os sobejos da sua fortuna que eles levavam, carregando-os aos ombros, não: era um pouco do seu pão quotidiano, que repartiam com os infortunados.

Talvez que nessa madrugada eles partissem mais cedo para a faina da pesca. Talvez eles tivessem suado mais que o costume. Mas apresentaram-se entre os lavradores mais abastados, sem se envergonharem com a sua dádiva tão humilde no meio de tanta prodigalidade. E' que o peixe que eles levavam aos ombros, a seus olhos valia tanto como as maiores riquezas. Não era com ele que se alimentavam? Não era por meio dele que arranjavam o dinheiro necessário à sua existência? Ele era o seu ganha pão, o pão que lhes alimentava a vida. Era uma parte desse tesouro, que eles queriam dar. Por isso não se mostravam envergonhados, antes orgulhosos. E quando os vi passar classifiquei as suas ofertas como as mais valiosas que poderiam ter sido oferecidas.

Pensarias tu da mesma maneira? Foi para que fizesses essa pergunta a ti mesmo, que eu, decorridos tantos dias, te vim falar no assunto, assunto passado e quase esquecido. Talvez até esse grupo de pescadores, na faina da pesca—o seu ganha pão—se não lembre da sua oferta. Mas eu é que não me esqueci e tu recordaste por momentos, não é verdade? Recordar é sempre bom...

DA AMIGA DESCONHECIDA

OPEL «KAPITAN»

SEDAN DE 4 PORTAS · 6 CIL.

ÊSTE é sem dúvida um dos melhores carros que o particular pode encontrar no mercado.

A sua economia, conforto e invulgar duração tornam-no um meio de transporte ideal.

A alavanca de mudanças, instalada na coluna de direcção facilita a marcha no tráfego citadino.

A linha sóbria, a invulgar acelaração e potentes travões tornam-no num rei de estrada.

A sua excelente estabilidade permite altas velocidades de cruzeiro.

Êste é um carro de que o seu proprietário se pode orgulhar!

ECONOMIA • CONFORTO • RESISTENCIA

GENERAL MOTORS OVERSEAS CORPORATION
LISBON BRANCH

VISITE O NOSSO CONCESSIONÁRIO DISTRITAL

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram ontem anos as srs.as D. Maria Angela Seabra de Oliveira e D. Aida de Carvalho Grijó, interessantes filhas, respectivamente, dos srs. Virgílio de Oliveira, das Caves do Barrocão, e Manuel da Costa Grijó, de Eixo; hoje, fá-los, a gentil D. Maria Fernanda Ribeiro Madeira, filha do sr. dr. Adérito Madeira, director do Dispensário Anti-Tuberculoso, e o sr. dr. João Salgueiro Pessoa, médico nos Açores; amanhã, a menina Maria do Carmo Vieira, interessante filha do sr. José Vieira, empregado nos escritórios da firma Pascoal & Filhos; *no dia 11, os srs. António da Silva Justiça e capitão Albel António Nogueira, de Vila Verde (Minho); em 12, o menino Fernando Carvalho de Oliveira, filho do sr. Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria; em 13, o sr. Américo Carvalho da Silva; em 14, a sr.a D. Maurícia de Oliveira Orfão, esposa do sr. Mapril Guerra Orfão, ausente em Luanda (Angola); o alferes Rui Ventura Rodrigues, filho do nosso amigo tenente-coronel António Luís Caria Rodrigues, residente na capital, e a menina Esmeralda Natércia, filha do sargento sr. Aurélio Duarte, e em 15, a interessante Rosa Maria da Cruz Trindade, filha do nosso amigo Amadeu Couceiro.*

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se no domingo o consórcio da menina Maria Madalena da Conceição Torres, gentil e simpática filha do sr. Albano da Conceição, com o sr. João Morais Sarmento, empregado nos escritórios da Emprêsa de Pesca de Aveiro.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, sr. Américo Alves Torres e esposa sr.a D. Laura Couto Torres, residentes no Porto, e pelo noivo, seus pais, a sr.a D. Amariles Lobo de Morais Sarmento e marido, o sr. João António de Morais Sarmento, digno escrivão de Direito.

Depois da cerimónia, a que assistiram diversos convidados, foi servido, em casa dos pais do noivo, um fino copo de água, findo o qual os recem-casados partiram para o norte em viagem de núpcias.

Desejamos-lhes um futuro venturoso.

—Pelo sr. José Castilho, sub-gerente da filial do Banco N. Ultramarino e esposa, foi anteontem pedida para seu filho Fausto Castilho, a mão da menina Maria Margarida Ventura Gamelas, interessante filha do negociante sr. João Ferreira Gamelas.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Partidas e Chegadas

No vapor Alcântara, que na próxima terça-feira sai a barra de Lisboa, segue, de novo, com destino a S. Paulo, o nosso conterrâneo e amigo Luís Simões Peixinho, que conta estar de volta na próxima Primavera.

E' pela 24.a vez que vai ao Brasil, onde tem os seus negócios, muito estimando nós que a viagem lhe decorra o melhor possível e sempre de perfeita saúde.

CASA EM AVEIRO

construída em pedra, com explendidas vistas, situada no local mais saudável da cidade, na rua de Arnelas n.º 37 a 41, junto à Aven. Dr. L. Peixinho, com três pavimentos, estando dois livres, saneada instalações completas na casa de banho e cozinha com água quente e fria e fogão, grande quintal todo murado, com entrada independente, com vinha e árvores de fruto, poço com bomba e tanque coberto para lavar, vende-se pela maior oferta.

Para ver a casa e entrega de propostas, dirigir-se ao sr. Alberto Barbosa, Rua de Arnelas, 23—AVEIRO.

DR. JOAQUIM HENRIQUES
MÉDICO
Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras — *das 16 às 18 horas*
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 31-1.º
AVEIRO

Consultório Médico e Cirúrgico
Dr. Ernesto Barros
Consultas: Largo da Estação, 5-1.º
às terças, quintas e sábados, das 13 às 18 h.
Em Salgueiro e Nariz, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 14 às 17 h.
Telefone 167

Regimento de Cavalaria n.º 5

Anúncio

O Conselho Administrativo do Regimento de Cavalaria 5, faz público que no próximo dia 18 de Dezembro, pelas 14.30, se procederá a um leilão, em hasta pública, de artigos de material de aquartelamento considerado incapaz, tais como lençois, cobertores, taras, fronhas e enxergas.

Quartel em Aveiro, 30 de Novembro de 1950.

O Chefe da Contabilidade,
JORGE FEUBLY DE MAGALHÃES CALDAS
Alferes do S. A. M.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Casa de Crédito Popular
Agência n.º 45
AVEIRO

Avisam-se os mutuários que no dia 15 de Janeiro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Agência n.º 7 desta Casa de Crédito Popular, na Rua Fernandes Tomaz, n.º 553, no Porto ao leilão de todos os penhores cujos contractos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 8 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 11 de Novembro de 1950.

O chefe da Repartição,
a) FRANCISCO CORDEIRO

Agência de Viagens e de Turismo

A antiga e conhecida firma CHESTER MERRILL, RAMOS & C.a, L.da, membro da IATA, com séde em Lisboa, fornece passagens aéreas, terrestres e marítimas, aos preços oficiais, para todas as partes do mundo e em qualquer Companhia.

Para esclarecimentos queiram dirigir-se ao seu empregado-delegado no distrito de Aveiro,

VERGÍLIO DA CRUZ NOGUEIRA
RUA MANUEL FIRMINO, 30
AVEIRO

"GARRETT DE AVEIRO"

Para casamentos, baptisados, dia d'anos ou para qualquer outra cerimónia em que tenha de ser servido um **COPO DE ÁGUA**, é a única Pastelaria apta a satisfazer todas as suas exigências.

Rua da Arrochela, 29
Telefone n.º 511
AVEIRO

Talheres inoxidáveis!!! Garantidos e aos melhores preços, só na **Casa das Utilidades.**

MALHAS CAÍDAS
(Meias)

Apanham-se electricamente na
CASA GONZALEZ
Rua de José Estevão, 24 e 26
AVEIRO

Trespassa-se

estabelecimento de mercearia e vinhos, bem afreguesado e com todo o seu recheio. Motivo de falecimento do seu proprietário. Dirigir à Rua do Arco, 14—AVEIRO.

Empregado

Precisa-se de 15 a 18 anos, com habilitações, para mercearia e vinhos, na Rua de Sá, 13—AVEIRO.

Casa pequena

tendo 6 a 7 divisões, compra-se nesta cidade. Aqui se informa.

Bidons

de 200 litros e 23 Ks. tara, todos os fins, vende a preço de concorrência, Raúl Macara—OLHÃO.

Correspondências

Eixo, 5

Com 78 anos de idade faleceu o sr. Manuel Luís Ferreira, (Balsa), casado, proprietário, antigo agricultor de chicória.

—Também faleceu com 46 anos Rosa Martins Linhares (Patôrra), casada com José Lutínio Ferreira da Costa.

—A Junta da Freguesia anda procedendo ao arranjo de algumas ruas da localidade que estavam em estado lastimoso.

Também lhe lembramos o conserto dos caminhos do Arrujo e Viela dos Gatos.

—Os lavradores que semearam chicória estão procedendo ao arranque da mesma, que regula, em verde, a $85 o quilo.

—Entre as crianças tem aparecido por aqui bastantes casos de varicela.

C.

Costa do Valado, 7

Consorciou-se na Quinta do Picado com a menina Rosa Barreto, filha do proprietário, sr. Abel dos Santos Barreto, o nosso conterraneo Baltazar Ferreira da Cunha, filho do acreditado negociante de batata, sr. Joaquim Marinho.

Após o acto religioso, celebrado na igreja do Outeirinho pelo vigário, rev. Daniel Correia Rama, foi servido em casa dos pais da noiva um lauto banquete aos convidados, que decorreu animado.

Felicidades.

—Na mesma localidade e aos estragos duma grave doença, que há bastantes meses lhe vinha torturando a existência, deixou o mundo com 18 anos, apenas, o aplicado estudante José de Matos Leal, filho único do abastado proprietário, sr. Manuel Mendes Leal e de sua esposa Maria Margarida Leal.

O funeral do inditoso moço constituiu uma grandiosa e imponente manifestação de pesar, como nunca ali foi presenciada, pois no extenso cortejo fúnebre encorporaram-se muitas centenas de passoas de todas as condições sociais e muitos automóveis, organizando-se vários turnos até à igreja do Outeirinho onde teve ofícios de corpo presente antes de dar entrada no cemitério.

Foram-lhe oferecidas várias corôas com sentidas dedicatórias e durante o percurso via-se muita gente a chorar, visivelmente consternada, lamentando a morte prematura do infeliz José Leal.

A seus pais, que ficaram mergulhados na mais pungente dôr pelo rude golpe sofrido com a morte do seu ente querido, a expressão sincera do nosso pesar, extensiva a toda a família.

—No Salão Recreativo, da Costa, exibiu-se o filme português *Sol e Toiros* que agradou.

Dentro em breve será exibido outro filme de categoria, *Deus lhe pague*, que já foi anunciado.

—Passou no domingo o seu aniversário natalício o presado amigo António Marinheiro Júnior, agente técnico de engenharia.

Os nossos parabéns.

C.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Comarca de Aveiro

ÉDITOS DE 20 DIAS

2.ª publicação

Por êste Juizo, primeira secção, nos autos de execução sumária que João das Neves Ferro, casado, proprietário, desta cidade, move a António Martins Gomes, casado, com Maria do Rosário Martins Gomes, ele comerciante e ela doméstica, de Esgueira, correm éditos de 20 dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anúncio, a citar, os credores desconhecidos, do executado, para nos dez dias posteriores, reclamarem os seus creditos.

Aveiro, 26 de Outubro de 1950.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Henrique de Carvalho

O chefe de secção,
José Pereira Grijó

NECROLOGIA

Com a proveta idade de 90 anos, finou-se a sr.ª D. Júlia da Conceição Pereira Osório que durante a sua longa existência se impôs sempre pelos seus predicados morais.

Tendo enviuvado há mais de vinte, era mãe estremosa das srs.as D. Maria do Céu Osório da Cunha e Costa e D. Eduarda Osório e do sr. António Osório, comerciante da nossa praça, e o enterro realizou-se na quarta-feira, com grande acompanhamento, para o cemitério central.

A toda a família e em especial ao sr. António Osório, manifestamos o nosso pesar.